

ZILBERMAN, Regina & MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. 351p.

A história da literatura é a história da humanidade. (...)
Nenhuma época existe sem levar o cunho das antecedentes,
pois tudo o que existe é o produto, a criação
da criação anterior; e tudo o que é tomou
a existência do que foi. (E. Adet e J. Norberto -1844)

Com sólida contribuição editorial na área da crítica e da história literária, as ensaístas Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira trazem a público esta obra, resultado de um projeto de pesquisa vinculado às "Fontes da Literatura Brasileira" e desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde atuam como professoras do Curso de Pós-Graduação em Letras.

Como bem antecipa o título, o livro volta-se às origens do que se estabelece contemporaneamente como elementos consagrados na história da literatura no Brasil. Cobrindo um período de 38 anos – 1826 a 1864 –, a obra expõe um conjunto de nove textos fundadores da história literária nacional, escritos e publicados no contexto romântico do século XIX, quando o fortalecimento da recente independência do Brasil encontrava sustentação na afirmação de uma literatura brasileira também independente da ex-metrópole.

Os textos de *O berço do cânone* praticamente "criam" a história literária brasileira, à medida que são os primeiros a coletar e organizar, sistematicamente e historicamente, a poesia do Brasil-Colônia e do século XIX. O grande modelo da maior parte desses textos fundadores é o *Parnaso Lusitano* (1826-1827), de Almeida Garrett, dado como primeira coletânea de poemas em língua portuguesa e colocado como ensaio inaugural do livro,

por incluir poetas brasileiros entre os integrantes da literatura portuguesa até então produzida. Iniciador do Romantismo em Portugal, Garrett manifesta um posicionamento crítico consistente e definido, e prega o romântico e o nacional como marcas da qualidade literária. Sob o signo do movimento romântico é que também se identifica a historiografia da literatura no Brasil, período em que *nacionalidade* era a palavra da hora e *estrangeirismo*, o mal a ser combatido nas produções literárias que preteriam a natureza e os elementos nacionais.

Reunindo por ordem cronológica prefácios, introduções, apresentações e preâmbulos a antologias, *O berço do cânone* é uma espécie de texto-documentário respaldado por um projeto didático exemplar, no qual prevalece a orientação histórico-crítica das Autoras, apresentada em capítulo introdutório de cada um dos textos fundadores. A clareza e concisão desses capítulos mostram a eficácia de uma metodologia que se propõe a uma visão de conjunto descritiva e avaliativa do objeto de estudo, mesmo que este consista num garimpo quase ilimitado de informações, como é o caso da pesquisa em referência.

Entre os autores selecionados para o livro, dois particularmente chamam a atenção por serem considerados de modo especial na série histórico-literária brasileira: Joaquim Norberto de Souza Silva e Francisco Adolfo de Varnhagem. O primeiro, com 21 anos, publicou *Modulações poéticas* (1841), um alentado ensaio em oito partes sobre a literatura brasileira e mereceu de Sílvio Romero o reconhecimento como precursor da história da literatura nacional. O segundo, autor de *Florilégio da poesia brasileira* (1850-1853), é ponto de referência obrigatório da historiografia literária do Brasil, considerado por José Veríssimo como o verdadeiro fundador da história da literatura brasileira. Afastando-se declaradamente da influência de Garrett e também por estar “em briga com a mitologia” (p. 225), Varnhagen não chamou de *Parnaso* a sua coletânea crítico-literária e selecionou para ela somente poetas nascidos no Brasil. Defendendo a independência também da literatura, relacionou a consciência da identidade nacional com a língua portuguesa falada no Brasil.

De modo geral, os autores dos ensaios vinculam o atraso das letras locais à situação política brasileira, de permanente inércia e desestímulo quanto à literatura. Quintino Bocaiúva,

em texto publicado no quarto volume da coleção *Biblioteca Brasileira* (1862), além de propor uma popularização da obra literária pelo barateamento das publicações, vê como obrigação dos poderes públicos promover o livro e a leitura. Possivelmente esse seja o texto mais veemente do livro em termos de relação entre literatura e política, literatura e identidade nacional. Empenha-se o autor no estabelecimento de um caráter nacional e denuncia, nesse contexto, a desimportância que tem a língua portuguesa.

Na verdade, *O berço do cânone* oferece muitos paradigmas de leitura além dos fundamentais, representados nos aspectos histórico-críticos dos ensaios e na indicação dos poetas das coletâneas. O âmbito biográfico e cultural dos autores dos textos também é apresentado e constitui-se num canal de intenso conhecimento; e a própria poética de alguns deles pode igualmente ser encontrada no enunciado dos ensaios. Mas Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira acrescentam ainda outras complementações à transcrição dos escritos, que recomendam a obra a sucessivas leituras. Uma delas corresponde à inserção de notas de rodapé nos textos originais, nas quais as Autoras dão as explicações necessárias para a contextualização, correção e compreensão de referências citadas nos textos; com isso, fazem do livro um compêndio de natureza enciclopédica, que consubstancia e acelera a leitura dos ensaios. Outra complementação que enriquece e amplia o objetivo básico da obra, “de recuperar as discussões a propósito da formação da literatura brasileira” (p.9), é a relação bibliográfica final, que, reunindo cerca de 200 títulos, contempla a história literária no Brasil até a atualidade, auxiliando eficazmente os estudos ligados à área, para a qual a pesquisa acadêmica tem dedicado intenso e especial interesse nas últimas décadas.

Lígia Militz da Costa
UNIFRAN